

A OPINIÃO

PERIODICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

EDITOR--André Troyano da Rocha Passos.

Preços das Assignaturas:

CORUMBA

Por anno. 14\$000
 * SEMESTRE. 7\$500
 * TRIMESTRE 4\$000

EXTERIOR

Por anno. 16\$000
 * Semestre. 8\$000
 * Trimestre 5\$000

Numero avulço 300 reis.

GAZETILHA

10 DE JUNHO.—Nós, jovens que somos, amante das letras, entendemos não deixar passar despercebido, hoje, 10 de Junho,—3.º centenario do principe da poesia o grande e immortal portuguez—Luiz de Camões,—sem que, a' sua memoria,—depuzessemos sobre seu tumulo uma coroa de immacersíveis flores.

A' este respeito lemos no CRUZEIRO o seguinte:

Em P. A. gre activam-se os preparativos para que, a 10 de Julho do corrente anno, seja condignamente festejado o 3.º centenario do grande épico: Luiz de Camões.

O PARTHENON LITTERARIO esta' a frente dessa eloquente demonstração a' memoria do maior vulto das letras portuguezas, tendo ja' nomeado varias commiões para tratar da festa litteraria.

Constava que o conselheiro Silveira Martins seria convidado para fazer o elogio historico do grande poeta.

A GAZETA DE PORTO ALEGRE encetara' no dia do centenario a publicação de uma traducção o novel-

la allemã A MORTE DO POETA, de Ludwig Tieck, que trata do famoso autor dos LUSIADAS, imprimindo em avulso a mesma traducção.

Oxala' se pudessemos fazer o mesmo!

COMPANHIA FERRAZ.—Esta companhia, depois de sua chegada n' esta cidade, tem dado 2 espectaculos, que alia's tem sido bem applaudidos e não menos concorrido, pois a companhia e' merecedora.

Os habeis artistas não descuidão em esforçar-se para bem corresponder a sympathia que são merecedores; e agradecer os seus espectadores.

SENADOR.—Por carta imperial de 18 de Abril foi nomeado senador pela provincia da Parahiba o bacharel João Florentino Meira de Vasconcellos.

REMOÇÃO.—Por decreto da mesma data, foi removido, a' seu pedido, da relação de Cuyabá para a da Fortaleza o desembargador conselheiro Daniel Luiz Rosa.

Pertence ao Monitor Campista as seguintes noticias;

MEMORIAS DE UM LOUCO.—Morreu em Madrid um sujeito que por todos era tido como louco. Entre seus papeis forão encontradas as seguintes notas:

«Em pontos de amizades, duvidas, em politica, sejas desconfiado: na virtude, não acredites sem provas: não te orgulhes com o dinheiro que possues; goza do que tens empregando-o.

Nos palacios todos são escravos: Nas ruas todos são livres. Ama e

procura a paz de tua alma, de tua familia, de tua aldeia, de tua patria, Já completei 81 annos, e me considerão louco. Vi morrer e soffrer muitos que por taes não erão tidos.

Quando tinha 22 annos conheci que o louco não tinha necessidade de pedir cousa alguma; se elle sabe representar seu papel é o que passa melhor. Eu não sei se o representei bem ou mal; o que sei dizer é que me ri muito dos que de mim se rião. Gozei mais liberdade que os outros e de mim nunca ninguém suspeitou mal.

Se eu podesse voltar ao mundo, a primeira cousa que pediria á minha mãe, seria que fizesse passar por louco desde o berço.

MEIO SIMPLES PARA PREPARAR UM BAROMETRO.—Eis um meio simples e barato para qualquer pessoa preparar um barometro e assim cophecer as variações do tempo.

Os agricultores, principalmente, não devem deixar de fazer a experiencia que a produzir bom resultado lhes será de grande utilidade.

Eis aqui o meio:

«Tomão-se 50 centigrammas de camphora, outro tanto de sal de nitro e sal de amoniaco.

Fundem-se separadamente estas tres substancias em aguardente, collocando o frasco com a camphora dentro de agua quente, afim de dissolver-se com rapidez.

Em seguida mistura-se estas tres substancias em vidro comprido e de pequeno diametro, como os de agua de Colonia, lacra-se e depois suspende-se para o lado do norte.

Sio liquido conserva-se claro e limpo e indica o bom tempo.

Variedade

FRESA A' MESA

(Continuação.)

— Como está? Muito folgo de o encontrar.

— Faz-me muita honra, senhor, acode o individuo com o mais pronunciado accento provençal. Precisa de mim, falle, tenho o meu estojo.

— E' um medico, pensó eu, melhor.

— E' o Senr. . .

— Saint-Phart para servir-o.

— Oh sim, eu passo muito bem, tenho excellentes appetite, e o Sar?

— Eu, o melhor do mundo, sou o mais valente gastronomo da Provença, onde alias se come bem. Ninguém se mede commigo.

— Ah caro Senr. Saint-Phart, se quizesse fazer-me o favor de jantar commigo, aqui perto, com amigos intimos.

— Agradeço infinito a prova de estima; mas não conheço os outros senhores.

— Nada importa, apresentado por mim tera' o melhor acolhimento, esta de casaca e gravata branca, e' o que se quer.

— Ando sempre assim trajado por causa da minha clientella, que é cada vez mais luzida e numerosa. E', graças ao seu amigo sr. Bremond, que me fiz conhecido.

— E' verdade, foi em casa d'elle que o encontrei. Ha muito que o trata?

— Ha dous annos, senhor; e posso dizer sem gabar-me, que me deve optima, cara, sem mim, posso afiançar que não dava um passo.

— Reconheço que é um homem precioso, e por isso folgo de apresento a' minha nova familia. . . Sim vou casar, e foi a minha boa estrella que me deparou o seu encontro. A familia é numerosa, ha pessoas da idade que hão de carecer da sua dedicacão, prometto-lhe desde ja novos clientes. Esqueça que somos apenas conhecidos; e trate-me como amigo, aceitando um convite, que, não obstante ser de improviso, sera' o primeiro degra'o para attingir a amizade, que me inspira o seu talento, caro doctor.

— O homunculo agita-se jubileoso, aperta-me a mão entre duas enormes manoplas. Apezar disso, tem boa physionomia, depois o de casa do Sr. Bremond, pessoa de boa posicão, mui difficil na escolha dos seus amigos e conhecidos; é seu medico, por conseguinte tem o seu valor, e, enfim, não tenho outro a mão.

— Saint-Phart mette as mãos nas algibeiras de onde saca tres pares de lavras, pardas, brancas, e calças.

— Sise-tolda, ha chuva.

— Si se coaguiha no frado, ainda ha chuva.

— Si formão-se ligeiras nuvens no liçaido, ha tempestade.

— Si essas nuvens são maiores e unidas, ha chuva ou neve.

— Si no lugar de nuvens mais ou menos volumosas apparecem filamentos na parte superior do vidro, ha ventania.

— As simples manchas annunciao tempo humido e variavel.

— Quando as manchas tendem a elevar-se é signal de que o vento sopra nas altas regiões da atmosphera.

Secção critica

— Caramba! Que grande par de pés tem aquella mulher! Que numero calçava ella?

— Qual numero! De cada vez que ella precisa de um par de sapatos, manda matar um bezerro.

— Quando as ruas de Paris estavam cobertas de gelo, um pequeno levou um dia a arrear pedras para dar passagem aos passeantes, que lhe davam em paga algumas moedas de cobre.

— A' noite, quando cessou o movimento, o pequeno poz-se de novo a amontoar as pedras na estrada.

— Que diabo está a fazer? perguntou-lhe um negociante, que nesse momento ia chegar as portas.

— O mesmo que o senhor! Estou fechando a loja.

— Um espanhol, montado em um cavallo por demais fegoso, e por não ser bom cavalleiro, trazia-o a' redea curta.

— Amigo, por que não das a vida al cavallo?

— O espanhol, que não queria dar mostras de medo, respondeu:

— No, hombre! tengo receo de que nel medio de la carrera el buccafalo salte fura del mundo!

— Ah! vai uma amostra da eloquecia de um promotor publico.

— Depois que o homem bebe a tinta do crime, o remorso é o mata-borrão da consciência.

— Corra vai tua

— Como sempre! Uma vibora!

— Sim? Uma rapariga tao bonita!

— Pois aquillo que ali está! tem um genio tal; que a's vezes eu chego a duvidar se realmente minha cunhada ou minha sogra!

— Minha senhora, sinto muito a morte de seu marido. Um homem tao bom!

— E' triste, é. Quando a gente sabe o que perde e não sabe o q' vai achar!

— Sabes? esta' ali um medico que restitue a fala aos mudos. . .

— Cala a boca, desgraçado!

— Por que?

— Minha sogra e' muda!

— Quando Mlle. Sontag appareceu pela primeira vez no palco, fez em todos vivissima impressão, foi um murmurio geral de entusiasticos louvores.

— Realmente, e lindissima, exclamou um dos espectadores; é pena ter um olho menor que outro.

— O senhor não sabe o que diz! bradou freneticamente um sujeito que lhe estava vizinho. Ella o que tem é um olho maior que outro.

— Um mocetão foi um dia pedir esmola a um philosopho.

— Por que não vas trabalhar, tu que parecees tao sadio e robusto?

— Ah! meu senhor! respondeu o mendigo, se soubesse como sou preguiçoso! . . .

— Bem, retorquiu-lhe o philosopho, toma estes seis francos pela tua fraqueza.

— Um urbano prendeu um gatuno, que roubava uma gravata em uma loja de modas, e levou-o a' estação.

— Não procures negar, diz o urbano, quando te agarrei tinhas tu a gravata no pescoco.

— E' verdade que roubei a gravata, mas foi para me fazer homem de bem.

— Em um recente caso de adulterio. O presidente ao queixoso:

— Sua idade?

— Cincoenta annos.

— A accusada com vivacidade:

— Cincoenta e sete, Sr presidente

— Elle quer diminuir as circumstancias attenuantes a meu favor.

(xtn.)

E' tambem para minha clientella, diz elle, sorrindo finalmente. Olho, e as vastas mãos parecem-me dous monumentos.

— Dou-lhe parte, caro senhor, que me safo, acabado o jantar. Prometti ver um cliente das 9 a's 10 da noite.

— A' vontade, meu amigo, bem basta que nos de duas horas do seu tempo, precioso e util a humanidade.

Siga-me, caro doutor, é no segundo andar, e prometto-lhe acolhimento esplendido.

— Annuncie o Sr. Saint-Phart, digo a criada quando entro.

Todos os convivas estão presentes, e devem julgar que o noivo não é apressado. Abre-se a porta da sala onde a familia forma circulo. Todos me fita; mas dou com o meigo sorriso de Cecília, que me anima.

O Sr. de Saint-Phart, diz a criada aristocratisando o meu comparsa, e o Sr. Adriano Roux.

A Sr.^a Miraul chega-se a mim, e diz: esperavam-me com impaciencia.

— Queira desculpar-me, e permita-lhe apresentar um amigo o Dr. Saint-Phart, que se digna de partilhar o nosso jantar de familia.

Muito obrigada, senhor, acode a Sr.^a Miraul; bem ve, e sem cerimonia, um jantar de familia.

Ha sessenta vellas a arder, sem contar seis candieiros; illuminacao a arcorvo. As senhoras tem vestidos decorados, os homens casaca.

Começam as apresentações: em primeiro lugar, o irmão de Sr. Miraul e sua mulher, burguezes do Marais, que nada tem de particular. Depois uma velha tia surda como um pote, muí requetada apesar da sua enfermidade, possui dinheiro. Um velho tio da parte materna, major reformado, condecorado com a Legião de honra, ferido nos pés n'uma trincheira de Sebastopol, solteiro, caracter eccentrico, mas bom homem. Uma prima e seu marido, ambos provincianos; o marido é tabelião, a mulher deve ter má d'olho: a sua boca encolhida nada presagia de bom. Seu filho, grande palerma de 19 annos que cora quando othao para elle. Enfim, a irmã da Sr.^a Miraul, tia Carlota, que foi e ainda é formosa, parecendo-se com Cecília nas feições, esportuosa e sympathica, posto que um pouco trista, é viuva, não tem filhos, por isso dedica todo affecto a Cecília, que a presa muito. Só resta a prima Anastacia de Bardot, mãe de preguiçoso Ignacio; parece, porem, que só vem depois da sopa, por isso não se espera por ella.

Passa-se a casa de jantar, que a cosinheira resmungando de um quarto de

nao fulgura menos que a sala. Ha grande ostentação de flores, de vellas, de baixella de prata. Saint-Phart dá o braço a Sr.^a Miraul, que lhe repete o estribilho: é tudo sem cerimonia, senhor. Queira assentar-se entre o major, que estimara a sua vestimenta, com o qual podera's conversar a cerca da sua arte; elle tem consultado, creio eu, todos os seus collegas, e a tia Bourret, que lhe recomendo particularmente, é inteiramente suida, mas entende o que se diz pelo movimento dos beigos.

Saint-Phart, que ja destrinça dous novos clientes no major e na tia Bourret, precipita-se sobre o lugar marcado. Desgraçadamente Bijou, que se move sempre atraz dos calcanhares da dona de casa, é pisado por Saint-Phart.

Aos latidos do cão acode o Sr. Miraul, toma nos braços o tecto, e cobre-o de beijos; o pobre Saint-Phart fica interdito.

— Oh! mulher, porque não fechas o Bijou no teu quarto quando temos gente de fora? Assim evitaremos o desaguisado, acode o Sr. Miraul.

— Anastacia não se metta com o que não lhe importa, contesta minha sogra irritada. Pobre animalinho, coitadinho! O! Jesuina, dá-me umica para pôr-lhe uma compressa.

Movimento geral, todos querem a endir ao cão; no entanto esfria a sôpa.

Posta a compressa, deitado Bijou na sua almofada, tendo a barriga cheia de doce, adormece.

Começamos a sôpa, e a Sr.^a Berdot não chega. Toca-se a campainha. R. ella.

Não é, é um despacho telegraphico. Emfim de contas seriamos 13 a' meza. Vou depois jantar—Anastacia.

A Sr.^a Miraul fez-se branca como a cera e o marido vermelho como um pimentão. Cecília está aquiella. Fitto Saint-Phart, que da conta da sôpa com dextreza predigiosa. Leva a' boca um copinho de vinho generoso, dá' estalos com a lingua, piscando os olhos ao dono da casa.

(Continúa.)

Secção LIVRO

ADMINISTRAÇÃO DA JUSTIÇA

(Continuação)

ento do voto está as Ado

Elle já não pôde subsistir. Os juizes ignorantes a tudo se presão.

Verdadeiros — *Macaricos* — arremessação contra as victimas as chammas que os assessores a dirijem a vontade, até conseguirem os fins a que se propõem.

O poderoso ordena, e o direito do pobre é suplantado!!

Não é isto uma felicidade.

Os factos hai estão, e os cartorios os attestão.

O escandaloso, e immoralidade sihe de ponto.

A especulação de lucro e interesse, horrorosa.

Os juizes, para mais facilidade dos seus desmandos, collocão a vontade dos assessores.

O estrangeiro horrorisado, recua espavorido.

Um exemplo mais, não deixa duvidoso o que dizemos.

Trata-se dos invasores do territorio boliviano.

Os assessores já apregoão, que não ha no Cod. Pen. art.º que os qualifique!!

Os cúmplices ou mandatarios estão sendo processados, e o mandante? Oh!... esse não existe.

Apoteia não o pôde descobrir, apesar de um oroso inquerito (note-se em segredo de justiça) quando a notoriedade publica o digita!!

Presos alguns dos invasores, requer-se em seu favor uma *Ordem de habeas corpus*.

O Juiz a denega, porem, reconhece ser o crime inafiançavel, art.º 73 do cod. crim. que foi commettido por força armada, e por paga pecuniaria.

Pois bem.

Quem por promessas ou recompensa, induz a outrem a commetter um crime, é igualmente criminoso.

Este é o verdadeiro espirito e letra da lei art.º 4.º do cod. cit.

O juiz porem não recomendou escobrimen-

do Impe-

nor!

A protecção é para os ricos, e castigo para os pobres.

Esta é a verdade, negala é impossível.

Já fomos ameaçados por uma das entidades, ao sahir publicado o nosso 1.º artigo.

Não importa, nada nos fará retroceder.

Ja ouvimos essa mesma entidade referir em lugar publico, e trazer na agonia da raiva, os seguintes pontos em defeza das accusações que lhe fizemos.

Eis-os:

Sem ignorante, mas não sou bancarroateiro.

A nomeiação me honra.

No meo juizo não admitto aticainas (note-se não é chicana)

S. S. enganou-se, não é um bancarroateiro quem falla, é o povo, esse povo já cansado de soffrer as pravações de S. S. esse povo que já não pôde subsistir sem a boa administração da justiça, isto é, recta e inflexivel.

S. S. enganou-se ainda, quem fallou no numero passado d'este jornal, e falla ainda aqui em nome do povo, é aquelle que tem documentos irrefragaveis, para provar que S. S. foi sempre máo empregado publico.

Lembre-se S. S. do Pavão, sempre na, e verá que não pôde haver factos mais reprovado e criminoso.

Tem razão, e, muita razão, quando diz; que a nomeiação lhe honra, porém S. S. é quem não honra essa nomeiação.

Extranha S. S. a justa censura dos seus actos!

Não lhe reconhecemos exemptions, por isso, hade ter paciencia em nos ouvir; embóra tenhamos de ouvir o tronado do seo «chamacoao» nos corredores das lojas.

Reconhecemos que os termos empregados, são vigorosos; mas, elles são pereisos á bem da causa que defendemos, e, S. S. que se diz, «justiceira e imparcial», nisso hudo concordar.

Uma outra ameaça ao direito povo, fez-se sentir na chegada do paquete soxipó.

E a nomeiação do 2.º supplente do Sub de Policia.

do Sub de Policia.

do Sub de Policia.

do Sub de Policia.

do Sub de Policia.

do Sub de Policia.

do Sub de Policia.

do Sub de Policia.

do Sub de Policia.

do Sub de Policia.

1.ª — S. Ex.ª Sr. General Presidente da Provincia foi enganado.

Em nome do povo, Ex.ª Sr, desse povo já tão abatido e descrente, porém, que ainda vê em V. Ex. um administrador recto e imparcial despi do completamente de paixões partidarias locais, dirijimos uma supplica, pedindo a V. Ex. syndicar se o nomei-ado reúne as qualidades indispensaveis e necessarias, e então conhecerá que o povo tem razão, conhecerá mesmo que o informante só encareou o seo interesse pessoal, com dultimento do direito do povo, e para chegar ao fim enganou a l.ª autoridade da provincia.

Felizmente as nomeiações de Sub-delegado de Policia, não são de quattrzenios, e o povo que muito espera de V. Ex. como garantia aos seus direitos e liberdade, com razão e confiança esperão que V. Ex. saberá cural-os desse mal.

Corumbá, 8 de Junho de 1880.

EDITAL

A Camara Municipal desta Cidade, faz publico qua tendo de ser construida uma ladeira que tera' começo no porto junto ao edificio da Alfandega, de conformidade com a planta e o orçamento organisa'o pelo respectivo Engenheiro; convida as pessoas que quizerem e estiverem no caso de contractar a construcção da mesma obra, para que apresentem as suas proposta em cartas fechadas, no dia 18 do corrente até as 9 horas da manhã nesta Secretaria, afim de que possa ser aceita a que mais garantias e vantagem offerecer aos interesses da Municipalidade e estiver de accordo com as bases e condições organissadas pelo dito Engenheiro. A planta, orçamento e condições acima referidos, podem ser vistos pelos prebendentes nesta Secretaria em todos os dias uteis das 9 horas da manhã as 2 da tarde. E para que chegue ao conhecimento de todos, lavrou-se o presente que sera' affixado no lugar do costume e publicad. pela imprensa.

Secretaria da Camara Municipal da Cidade de Corumbá, 8 de Junho de 1880.

O Presidente

João de Souza Lima.

O S.

Salvador Augusto

ANNUNCIOS

AO PUBLICO

Que segundo o arranjo de contas e compromissos contrahidos diante do Sr. Delegado de Policia tenente Rodrigues, do Sr. Subdelegado do Ladario e do Sr. Secretario do Arsenal Turibio Cardozo Marques, no qual eu ficava responsavel das contas sociaes do Ladario e o Sr. Fernandes, das de Cornubá recebendo elle do Sr. Gandolpho, 194\$000 de mim do que me restava da caixa de Cornubá 120\$000 e á mais com o direito para ainda cobrar em cornubá algumas entradas de camarote q' faltavão cobrar que erão do meo beneficio porrem que eu tambem lhe deixei para que acabasse de satisfazer as contas de que elle se faz responsavel o que ja se avião ao Publico declaro que pela que me responsabilizo no Ladario ja satisfiz e saldei todas as contas reconhecidas apezar de que na apuração dos espectaculos o seo producto alcançava a cobrir o dicto da sociedade neste Ponto (Ladario) Aproveitva a oportunidade para agradecer primeiramente aos Srs. Serra e Guimarães, ao Sr. Mendes Gonçalves ao Sr. Monteiro que avendo nos servido galantemente deixarão toda utilidade a bem da sociedade não cobrando, o nos de nenhuma especie. Igualmente a direcção da «Opinião» e aos Srs. J. Moreira e Gandolpho pelas mostras de simpatia que me mostrarão e a protecção que dispensarão á sociedade e finalmente ao Publico de Corumbá.

Ladario, 3 de Junho de 1880

José D'Alles

DESREDIDA

Retirando-me, sem ter podido despidir-me de todas as pessoas que me distinguirão com suas amizades, peço-lhes desculpa por esta falta involuntaria, e offereço-lhes o meu pequeno prestimo na Cidade da Bahia, rua da Princeza n. 12 onde vou residir. Corumbá, 5 de Junho de 1880

Alcides Cohen.

Abá, T. — da Opinião.
1.º de Junho.